

EQUIPAMENTOS
eletrônicos costumam
acabar no lixo comum,
o que representa perigo
para a saúde e para
o meio ambiente



Lixo eletrônico cresce cinco vezes em 15 anos

Dados da ONU indicam que são produzidas 50 milhões de toneladas de resíduos eletrônicos por ano. Em 2000, eram 10 milhões

SÃO PAULO

Milhões de celulares, câmeras digitais, computadores, tablets e outros gadgets eletrônicos acabam a cada ano no lixo comum, o que representa um enorme perigo para a saúde e para o meio ambiente, segundo adverte as Nações Unidas.

E o problema só cresce. Se no ano 2000 foram produzidas cerca de 10 milhões de toneladas de resíduos eletrônicos, agora são 50 milhões.

Esse número significa que cada habitante do planeta produz, em média, sete quilos de lixo tecnológico por ano e os cálculos da Organização das Nações Unidas (ONU) preveem que nos próximos três anos esses resíduos aumentarão em um terço.

O lixo per capita produzido varia de acordo com a riqueza e consciência ambiental de cada país, e vai desde os 63 quilos gerados por um cidadão do Catar, passando pelos quase 30 quilos de um americano, os 23 quilos de um alemão, os 18 quilos de um espanhol, os sete quilos de um brasileiro ou os 620 gramas de um malinês.

O escritório das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Onudi), em Viena, calcula que em 2016 os países em desenvolvimento produzirão mais lixo eletrônico que os industrializados.

Ruediger Kuehr, secretário-executivo da Step – iniciativa lançada pela ONU para promover a reutili-

zação e aumentar o ciclo vital dos produtos eletrônicos –, reconhece que o assunto começa a figurar na agenda política internacional.

“Estamos muito no início. Não podemos dizer que estamos em um bom caminho, por enquanto, mas pelo menos está ocupando um espaço na agenda política”, explicou o especialista alemão à Agência Efe, em Viena.

“Os governos conscientes sabem que isso é uma bomba-relógio e que devem tomar decisões”, afirmou. Segundo ele, o problema afeta todos os países, porque em nenhum lugar se recicla o suficiente, falta conscientização e há uma visão subdimensionada dos riscos.

O executivo defende campanhas públicas e educativas para conscientizar as pessoas sobre o impacto do lixo eletrônico no meio ambiente, e esclarece que se não forem dadas respostas a esta situação “será difícil criar inovações tecnológicas sustentáveis” no futuro.

Para esse especialista, o objetivo de longo prazo é “fechar o ciclo e chegar a um modelo sustentável”, no qual as empresas possam criar novos equipamentos utilizando materiais dos antigos.

OS NÚMEROS

7 quilos

é a média de lixo eletrônico que produz cada habitante do planeta

30 quilos

é a média anual de resíduos eletrônicos por cada americano



Messenger chega a 500 milhões de usuários ativos

Enquanto usuários ainda reclamam do novo “recurso” do WhatsApp, o Facebook anunciou ontem que seu outro aplicativo de mensagens, o Messenger, ultrapassou 500 milhões de usuários ativos por mês.

O aplicativo foi lançado em 2011, mas era opcional, ou seja, as funções de chat do app original do Facebook continuavam funcionando normalmente.

Em abril deste ano, porém, a empresa de Mark Zuckerberg começou a avisar seus usuários que, para conversar com os contatos pelo celular, seria necessário instalar o Messenger.

WhatSAC também terá “dedo-duro”

SÃO PAULO

Enviar um “zap zap” a empresas para reclamar dos serviços prestados por ela ou de algum produto vendido é o negócio do “WhatSAC”, assumidamente inspirado no irmão famoso, WhatsApp.

Para que os atendentes não deixem os clientes esperando, a partir de dezembro, o aplicativo passará a sinalizar se as mensagens forem lidas, recurso “dedo-duro” que foi implementado na semana passada pelo aplicativo original e causou frisson entre os usuários.

No caso do “clone”, a mudança, porém, virá para ajudar os clientes, afirmou o diretor de negócios Rodrigo Braga. Lançado há cinco meses, o WhatSAC já é utilizado como canal de atendimento ao consumidor por 32 empresas, tais como a Tickets for Fun, a rede varejista Le Postiche, a incorporadora Brookfield.

Mais 30 estão concluindo cadastro, diz Barra. Isso deve aumentar os quase 10 mil atendimentos a, em média, 5 mil pessoas. Funciona assim: ao ser aberto, em vez adicionar os números da agenda à lista de contatos, o app exibe quais empresas estão presentes; a partir daí, a troca de mensagens é idêntica à

do WhatsApp.

Dada a especificidade do aplicativo, há funções diferentes. O atendente do SAC de uma empresa sabe quando um cliente deixou a conversa.

Diferentemente dos call centers, onde cada funcionário atende um cliente por vez, no WhatSAC, são até dez resoluções de problema simultaneamente.

Se no app comprado pelo Facebook, os usuários reclamam que a nova função mostra quando são ignorados ou os impedem de ler mensagens que não querem responder, no WhatSAC ela servirá para pressionar os atendentes a agir de forma mais rápida.

Não há como negar de onde surgiu a inspiração para o aplicativo, a começar pelo nome. “Quando você abre o WhatsApp, enxerga pessoa. Quando abre o WhatSAC, enxerga empresas”, observa Braga.

“Quando você abre o WhatsApp, enxerga pessoa. Quando abre o WhatSAC, enxerga empresas”

Rodrigo Braga, diretor de negócios do WhatSAC

Jovem cria impressora braile feita de Lego

SACRAMENTO, EUA

Uma impressora braile de baixo custo foi desenvolvida recentemente por um jovem de apenas 13 anos. Shubham Banerjee já chama a atenção do mundo todo para seu empreendimento.

À frente da startup Braigo Labs, sediada no Vale do Silício (EUA), o jovem acaba de receber centenas de milhares de dólares do fundo de investimentos da Intel para continuar a desenvolver sua invenção.

Em seu início, há cerca de um ano, a Braigo, como é chamada a impressora, era feita de peças de Lego.

Aos 12 anos de idade, Banerjee, nascido na Bélgica, apresentava o

protótipo daquilo que foi apenas um projeto na feira de ciências da sua escola na Casa Branca, para o presidente norte-americano Barack Obama.

Com o apoio da Intel, o garoto deixou a impressora mais inteligente com a ajuda de um chip chamado “Edison”. O redesenho do dispositivo agora consome menos energia e permite ações automatizadas – como a impressão de manchetes de jornais todos os dias pela manhã.

Embora impressoras braile já existam, o modelo de Banerjee conseguiu reduzir o preço médio do eletrônico em cerca de US\$ 350 (aproximadamente R\$ 900), o que pode facilitar – e muito – a vida dos deficientes visuais.

REPRODUÇÃO DE INTERNET



SHUBHAM BANERJEE, de 13 anos, criou a Braigo com peças de Lego